

## O OBSERVATÓRIO DE LINGUAGEM DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (OLSSP) E A PESQUISA DA VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICAS

Eliane Pereira Machado Soares  
(eliane@unifesspa.edu.br)  
Unifesspa

### RESUMO

O Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará (OLSSP) foi criado em 2003 no âmbito da Faculdade de Estudos da Linguagem (FAEL) - Campus de Marabá – UFPA, a partir da defesa de dissertação de mestrado *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA* (2002) e consolidado com a tese de doutorado *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica* (2008), ambas da autora desse artigo. Desde então, o objetivo do projeto investigar a realidade linguística das regiões sul e sudeste do Pará, enfocando diversos fenômenos, sobretudo os de variação linguística, decorrentes da formação social e histórica complexa dessas regiões, o que pode ser comprovado nos trabalhos já desenvolvidos e em andamento. Neste artigo, refletimos sobre a trajetória do OLSSP, os trabalhos concluídos e em andamento e os desafios passados e presentes e suas contribuições à pesquisa da linguagem, em diferentes níveis da língua, tendo como aporte teórico-metodológico a Teoria da Variação.

**Palavras-Chave:** Variação Linguística; Falares; Vocabulário; Linguagem Regional.

### 1. INTRODUÇÃO

O Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará (OLSSP) foi criado ainda dentro da estrutura da Universidade Federal do Pará, que se instalou na região Sudeste do Pará em 1987, por meio do Campus Universitário de Marabá, a partir do projeto de interiorização da UFPA. O curso de Letras encontra-se dentre os cursos mais antigos e desde então vem arduamente buscando se estruturar para atender as demandas de ensino, pesquisa e extensão próprias do fazer acadêmico e, em específico, aquelas de interesse do curso. Pretende-se com tal formação dar ao aluno condições de desenvolver hábitos de pesquisa, relacionados à linguagem, quando se reconhece o acolhimento e o trato da diversidade como um princípio formativo, de forma que é de bastante interesse a viabilização de projetos que venham a discutir fatos e situações diversas que cercam as questões de linguagem, no que diz respeito à Língua Portuguesa, sem excluir outras línguas faladas em nossa região.

É nesta perspectiva que o OLSSP se insere. Seu principal interesse é o de fomentar a pesquisa voltada para as situações de usos da língua portuguesa e de outras línguas faladas nas regiões sul e sudeste do Pará. Desde sua criação, muitos trabalhos foram realizados e tantos outros em andamento, antes somente no nível de graduação e mais recentemente no nível de pós nos Mestrados Profissional e Acadêmico. Aqui faremos considerações gerais sobre os trabalhos realizados.

## **2. DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICAS NO CONTEXTO DAS REGIÕES SUL E SUDESTE DO PARÁ**

As mesorregiões paraenses Sudeste e o Sudoeste (essa última mais conhecida como Sul do Pará) têm sido pouco contempladas em termos de pesquisa, especialmente, do ponto de vista linguístico e mais ainda do sociolinguístico. O que pode ser um grande prejuízo à compreensão da formação sócio-histórica de todo o Estado, sobretudo se levarmos em conta a complexidade da formação humana e sociocultural dessas regiões, que inclui o caboclo, o indígena, o afrodescendente e os provenientes de migrações de diferentes regiões do Brasil em consequência de interesses políticos diversos (como a ocupação da Amazônia no período da ditadura militar) e de ciclos econômicos vários.

Aqui se viveu de fatos históricos de grande impacto, tais como a extração do caucho; a coleta de castanha-do-pará; a abertura de estradas como a Transamazônica, a partir dos anos 1970; a garimpagem (principalmente com a descoberta do garimpo de Serra Pelada nos anos 1980); a pecuária; a extração de madeira; os grandes projetos como a construção de hidrelétrica de Tucuruí; a instalação da mineradora Vale do Rio Doce e mais recentemente a explosão do agronegócio e a previsão de instalação da companhia ALPA (Aços Laminados do Pará), de forma que esses e outros são fatos intensificaram as migrações de forma vertiginosa e que tornaram a região uma das mais peculiares do mundo, tanto do ponto de vista ambiental quanto sociocultural. Consequentemente, de fato, para cá convergem variedades linguísticas de todas as regiões do país, que coexistem com línguas de grupos indígenas de várias etnias.

É essa complexidade que caracteriza o Sul e Sudeste do Pará como regiões de fronteira, e que as aproximam do ponto de vista de suas especificidades em vários aspectos e as diferenciam em relação às demais regiões do Estado do Pará cuja imensidão territorial, por si mesma, o torna uma fonte inesgotável de observação científica, sob diversos prismas teóricos. Sem dúvida, os aspectos linguísticos e culturais que nelas se somam e se interpenetram fazem com que a configuração e os conflitos resultantes dificilmente possam percebidos em sua totalidade.

De fato, as diferenças entre essas regiões face às demais são bastante perceptíveis em diversos aspectos: socioeconômicos, culturais e linguísticos. É na perspectiva da pesquisa linguística associados aos aspectos socioeconômicos e culturais que propusemos o grupo de pesquisa Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará<sup>1</sup> (OLISSPA). Apesar de seu registro no CNPQ só ter se efetivado em 2010, sua criação reporta a 2003 (como programa de pesquisa, aprovado no âmbito da faculdade a que nos integramos - FAEL), a partir da defesa da dissertação de mestrado *Realizações da nasal e lateral palatais no falar de Marabá*<sup>2</sup> e firmado em tese de doutorado *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*<sup>3</sup>. Desde então, os trabalhos de pesquisa e extensão tem se realizado no sentido de implementar os objetivos que fundamentam sua existência.

### **3. DOS OBJETIVOS E METODOLOGIA DO OLSSP**

Os objetivos para o OLSSP foram traçados em consonância com a realidade e as necessidades da pesquisa voltadas para a diversidade e variação linguísticas. Assim definimos como objetivo investigar a diversidade linguística e descrever fenômenos de variação linguística, nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical dos falares urbanos e rurais, em suas relações com o ensino de língua materna.

Quanto à linha teórico-metodológica, é necessário dizer que o ponto de partida teórico que fundamenta esta proposta é o dos estudos variacionistas, segundo os quais o estudo de uma língua em uso é uma das formas de se conhecer a comunidade que a utiliza. Isso é possível por que as manifestações linguísticas de um grupo (marcadas por particularidades fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-lexicais) são pistas importantes para o conhecimento tanto da história quanto do momento atual da vivência de uma comunidade, devido ao fato de as línguas serem fenômenos inerentes, indispensáveis à constituição das sociedades humana, sendo pois portadoras de cultura e veículo para sua transmissão, de forma que conferem tanto uma identidade individual quanto social, bem como contribuem para a construção da autoestima e da autoafirmação de pessoas e grupos.

Por essa razão, uma língua representa um conjunto de saber acumulado, único, insubstituível; ela traz conhecimentos que dizem respeito à experiência e à sobrevivência humana. Ela nomeia seres, objetos, modos de fazer, modos de viver, de se relacionar com outros e com o meio ambiente essenciais à vida humana, que permitem a cada povo em

---

<sup>1</sup> Registrado como grupo de pesquisa no CNPQ ano de 2010 com o mesmo nome.

<sup>2</sup> *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.

<sup>3</sup> *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2008.

particular e de modo particular se adaptar e sobreviver ao longo de sua trajetória no planeta e que tem muito a ensinar a outros povos. Uma língua, portanto, traz uma ciência que se perde para sempre com a sua extinção.

Deve-se ainda ressaltar que as línguas, todas elas, são sistemas altamente complexos que, ao serem estudados de forma particular, podem ajudar a compreender o funcionamento cognitivo humano em geral, pois demonstram como o ser humano codifica a compreensão do mundo nas estruturas linguísticas, bem como reflete nessa mesma estrutura as marcas trazidas das relações sociais, dos modos de organização e hierarquização social, de forma que a fala de um indivíduo demonstra sua origem social e geográfica, bem como seu papel social numa dada situação de interação verbal em diferentes contextos.

Assim, o estudo das línguas de um modo geral e, especialmente, das diferenciações linguísticas permite-nos conhecer não somente a língua em si mesma ou por si mesma, mas também permite compreender os modos de funcionamento de um grupo social. Como falantes de língua portuguesa, não é difícil constatarmos diferenças regionais e sociais, entretanto, o que pode parecer caótico e sem explicação, torna-se bastante justificado na perspectiva da compreensão das línguas como um conglomerado de variantes sistematizáveis, perfeitamente ajustadas às necessidades dos grupos que as utilizam e ao sistema linguístico, formando elas mesmas subsistemas.

Em linhas gerais, a coleta de dados obedece aos seguintes critérios: a seleção de falantes se faz de acordo com os objetivos imediatos de cada pesquisa, mas a composição da amostra em área urbana com finalidades sociolinguísticas segue a proposta do Atlas Linguístico do Pará, com adequações. Assim, a seleção se faz sobre falantes nascidos na área urbana da cidade cuja estratificação social leva em conta os seguintes critérios: a) ser nascido ou ter vindo na comunidade pesquisada com até cinco anos de idade; b) deve ter pais nascidos na comunidade ou nela residentes desde a infância; c) não ter se ausentado da cidade por um período superior a 02 anos; d) residir na cidade e) enquadrar-se em uma das células quanto ao sexo, faixa etária (A= 15-25anos; B= 26-46 anos; C= +46 anos;) e escolaridade (1= até 4 anos; 2= até 9 anos; 3= acima de 9 anos). O registro de dados orais deve ser feito por meio de gravação de áudio (e vídeo, conforme objetivos) em condições as mais naturais possíveis, por meio de instrumentos de coleta adequados aos objetivos estabelecidos. Cada registro em áudio por informante, no caso de narrativas, deve no mínimo conter 45 (quarenta e cinco) minutos e, no máximo, de 60 sessenta minutos, e nos demais casos deve adequar-se às necessidades e condições imediatas. O tratamento dos dados obtidos se faz primeiro pela digitalização, a fim

de serem arquivados, para posterior transcrição - grafemática, conforme orientações da Análise da Conversação e do Projeto NURC; transcrição fonética, pelo uso do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) ou ainda ortográfica conforme os objetivos estabelecidos para a descrição e análise. Em função disso, os dados podem ser submetidos, por exemplo, à utilização de programas computacionais para arquivamento e ou tratamento estatístico conforme a natureza e o objeto da pesquisa (programas como Goldvarb, Lexique Pro dentre outros disponíveis).

Os dados linguísticos orais abrangem textos de diferentes tipos: narrativas de experiência pessoal, recontada; de descrição de local; relato de procedimento, de opinião; textos conversacionais; obras de autores regionais. Em função disso, os instrumentos de pesquisa para obtenção de dados abrangem questionários semântico-lexicais e entrevistas, dentre outros instrumentos de coleta de dados linguísticos necessários aos objetivos de pesquisa imediata.

A observação e a inserção dos pesquisadores no lócus de pesquisa são desejáveis e esperadas, bem como a gravação de áudio e imagem, conforme as circunstâncias de pesquisa. De igual modo, a seleção de informantes se adéqua aos propósitos pretendidos e à orientação metodológica mais imediatamente relacionada ao objeto específico de cada pesquisa (nível linguístico de descrição; falar urbano, rural; gênero de texto; fala espontânea, conversação; texto oral, escrito; texto escrito em ambiente escolar, de autores regionais; língua portuguesa, língua indígena; língua comum, de grupos profissionais, étnicos), a ser realizada no âmbito da orientação do OLISSPA e aos objetivos pretendidos.

Assim, no caso de nosso projeto, o rigor metodológico se atém aos aspectos teórico-metodológicos, apropriados a cada pesquisa, mas se circunscreve no âmbito de um dos campos anteriormente citados de modo a dar conta das manifestações linguísticas das regiões Sul e Sudeste do Pará.

#### **4. DOS TRABALHOS REALIZADOS**

Desde sua criação vem-se implementando pesquisas sobre a língua, especialmente a língua portuguesa a falada e escrita na região sudeste do Pará. Em nível de graduação foram orientados cerca de 60 Trabalhos de Conclusão de Curso. Em nível de mestrado, três dissertações foram concluídas e há quatro em andamento. Esses trabalhos têm como tema a central a variação linguística, tratada tanto nos seus aspectos atuais quanto sócio-históricos. 4

---

<sup>4</sup> Os trabalhos se encontram registrados no endereço:  
[https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=24AF1E60A71F24703207EF0DA3956FC3#](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=24AF1E60A71F24703207EF0DA3956FC3#)

Esse último, inclusive, contemplado por edital de fomento do CNPQ em 2017 com a pesquisa “Vocabulário de João Brasil”.

A produção resultante tem sido divulgada por meio de artigos e em congressos nacionais e internacionais, realizados no Brasil e no exterior. Com isso, procura-se dar conta da complexidade dos usos linguísticos nessas regiões, marcadas pela grande extensão territorial e, sobretudo, pela diferenciação de origem geográfica, social e cultural de seus falantes.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: OU AINDA HÁ MUITO A DIZER E A FAZER**

Como buscamos demonstrar anteriormente, o OLSSP é fruto de um esforço constante de produzir pesquisa linguística na/da região onde se encontra a Unifesspa, o que reforça a proposta de inserção do curso de Letras na realidade local, bem como fundamenta a existência da própria Universidade na região.

O esforço faz jus há ao esforço da própria da universidade em se constituir não somente como um espaço de formação profissional, mas, principalmente, de formação de homens e mulheres em condições de contribuir para a reconfiguração das relações sociais e econômicas, a partir de um ponto de vista que leve em conta o ser humano em suas diversas necessidades e sentimentos. Isso quer dizer, formar seres humanos capazes de compreender o espaço em que vivem e contribuírem com sua atividade profissional e social para a melhoria desse espaço, levando em conta o humano, o social e o meio ambiente.

## **REFERÊNCIAS**

ALVAR, Manuel. ¿Qué és um dialecto? In: ALVAR, Manuel (Director). Manual de dialetologia hispânica. Barcelona: Ariel, 1999.

AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.. Atlas da Paraíba. In: AGUILERA, V. A Geolingüística no Brasil. Lo

BAGNO, M. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CABRE, Maria Teresa. Una nueva teoria de la terminologia: de la denominación a la comunicación. In: CORREIA, Margarita. Terminologia Desenvolvimento e Identidade Nacional. Lisboa, ILTEC, 2002.

CALVET, Loius-Jean. Sociolingüística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. História da Lingüística. Petrópolis: Vozes., 1975.

CARDOSO, Suzana A. M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. Revista Delta, v. 15, n. Especial, 1999 (233-255).

CEDERGREN, H.J.; D. SANKOFF, 1974, Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. Language 50: 333-355.

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P. Dialectology. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Atlas lingüístico do Brasil: questionário. Londrina: Ed. UEL, 2001

CORREIA, Margarita (Coord.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos*. nº 04, julho de 1998. Publicações Europa-América, LDA, Portugal

CORREIA, Margarita. *Neologia e terminologia*. In: MATEUS, Maria Helena. FAULSTICH, Enilde. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código da língua. In: CORREIA, Margarita (Coord.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos*. nº 04, julho de 1998. Publicações Europa-América, LDA, Portugal.

COSERIU, Eugenio. O homem e sua linguagem. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COULTHARD, Malcom. Linguagem e sexo. São Paulo: Ática, 1991.

LABOV, William. Sociolinguistics patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.